

Matérias do Setor

Mercado de poliuretano ganha centro de pesquisa

Com investimentos da ordem de R\$ 1,5 milhão e apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a casa de sistemas de poliuretano Purcom patrocinou a criação de um Centro de Desenvolvimento e Pesquisa, em Barueri-SP, inaugurado em novembro deste ano. Destinado ao mercado de espumas de poliuretano, o núcleo tem como objetivo colocar em prática as ideias dos formuladores de poliuretano, dos seus clientes e do mercado em geral e permitirá aos transformadores desenvolver, testar e viabilizar projetos e novos produtos de poliuretano (PU) nas mais variadas aplicações (peças automotivas, móveis, eletroeletrônicos e equipamentos esportivos, entre outras).

O centro conta com conjunto de máquinas como um aplicador de spray bicomponente de alta pressão de relação variável, uma injetora de alta pressão com cabeçote de limpeza mecânica e uma injetora de baixa pressão com misturador dinâmico e limpeza por solvente. Para os testes de desempenho, dispõe de uma célula de espumação para espumas flexíveis com batedor, caixa de expansão e laminadora de fita para corte, além de sistemas de injeção de espumas por froth, unidade de jateamento abrasivo, cabine de revestimento climatizada e um laboratório de ensaios físicos e químicos.

Cada equipamento foi isolado em uma cabine própria a fim de assegurar que apenas a Purcom e o responsável pela ideia original tenham acesso ao projeto em desenvolvimento. A empresa planeja oferecer, a partir de 2011, programas de qualificação mercadológica para técnicos e operadores envolvidos com a aplicação de sistemas de PU.

Criada em 2002, a Purcom avançou rapidamente no mercado de sistemas de poliuretano independentes (dos grandes fornecedores de matérias-primas) para aplicações diversas, desde peças automotivas (bancos, volantes, painéis), carcaças de linha branca, móveis e estruturas para a construção civil, até eletrodomésticos e pranchas de surf. Sediada em Barueri-SP, a empresa faturou R\$ 82 milhões em 2009 e espera crescer 30% este ano, para alcançar a marca dos R\$ 100 milhões.

Fonte: Revista Plástico Moderno

As sacolinhas no banco dos réus

Essa discussão não encara os grandes gargalos da gestão de resíduos e da poluição na cidade e não traz medidas no sentido de reduzir o lixo. Estamos vivendo um embate entre proibir a distribuição gratuita das sacolas plásticas ou vetar a circulação daquelas sacolinhas que estiverem fora das normas estabelecidas pela ABNT.

Em minha opinião, a proibição de gratuidade, que tramita na Câmara Municipal de São Paulo, é uma proposta inadequada, incompleta, cria um desequilíbrio do ponto de vista da

sustentabilidade e uma expectativa de que bastaria somente deixar de utilizar as sacolinhas para salvar o planeta. Isso deseduca.

Entretanto, a discussão não encara os grandes gargalos da gestão de resíduos e da poluição na cidade e não encaminha medidas concretas no sentido de reduzir, reutilizar, reciclar. Defendo a rejeição desse projeto por acreditar que a gestão de resíduos é um processo muito mais complexo, que envolve todas as cadeias produtivas: indústria, trabalhadores do setor, comércio, consumidores e, necessariamente, o poder público.

Essa proibição não soluciona questões ambientais, pois coloca a responsabilidade da gestão do resíduo apenas sobre a sacolinha, que está se tornando a grande vilã. Nenhum material pode ser descartado na natureza, e seu destino final deve ser conduzido de forma adequada. No âmbito social, gera violento impacto sobre os trabalhadores do setor, causando desemprego e promovendo um "dumping" social, que poderá acarretar a demissão de mais de 20 mil funcionários diretos, já que são as pequenas empresas que produzem as embalagens, o que leva à transferência de empregos para outros países.

No meio desse debate está o consumidor, que já paga o valor da sacola, incorporado ao preço dos produtos. Agora, se as redes ainda cobrarem, ele pagará duas vezes, sem restituição. Estima-se que a sacolinha seja o quarto item na formação dos custos dos supermercados. É um presente do Papai Noel ao comércio e um golpe contra o bolso do consumidor. Mesmo se as sacolinhas, distribuídas "gratuitamente", saírem de cena, outros sacos plásticos as substituirão, pois o cidadão aprova as embalagens e as reutiliza, em especial para separar o que é reciclável e acomodar o lixo doméstico.

É importante destacar que, na última década, funcionaram na Câmara três CPIs e cinco comissões de estudo sobre gestão do lixo e meio ambiente. Nenhum relatório indicou as sacolinhas como o problema central pelos danos ao meio ambiente da cidade. São Paulo está atrasada em todo o programa de gestão de resíduos.

Tudo porque os investimentos foram adiados, com a intenção de criminalizar o contrato de gestão do lixo na cidade, assinado em 2004.

Essa medida compromete seriamente a questão ambiental. Acredito que essa é uma tentativa de tirar o foco dos grandes e verdadeiros dramas ambientais, como a falta de saneamento básico em áreas irregulares; a implantação do programa de coleta seletiva; o apoio às cooperativas de catadores; a instalação de centros de triagem e compostagem; e, por fim, o investimento em novas tecnologias.

Por FRANCISCO CHAGAS, cientista social, é vereador de São Paulo pelo PT e diretor do Sindicato dos Químicos de São Paulo

Fonte: Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo

Abiplast quer integrar análise de compra da Quattor pela Braskem

SÃO PAULO - A Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) solicitou ao conselheiro relator do Cade (Conselho Administrativo de Defesa da Concorrência), Vinícius de Carvalho, sua inclusão como terceira [interessada](#) no processo de análise da aquisição da Quattor pela Braskem.

A Abiplast é uma entidade que representa mais de 11.400 [empresas](#), em grande parte de médio e pequeno porte, que geram cerca de 340 mil [empregos](#) diretos e têm faturamento de R\$ 35 bilhões, todas dependentes das resinas fornecidas pela Braskem.

Segundo José Ricardo Roriz, presidente da Abiplast, "a manifestação da entidade poderá contribuir para que o Cade encontre uma solução que mantenha as eficiências da pretendida

fusão - que cria um monopólio na produção nacional de polipropileno, polietileno e PVC, dentre outros produtos -, mas evite a emergência de efeitos anticompetitivos no mercado nacional".

Contradição

Para Ricardo Inglez de Souza, advogado contratado pela Abiplast, "o ponto central a ser levado ao Cade é a contradição entre a consolidação do setor e a manutenção de medidas que restringem o acesso a produtos importados".

Jorge Fagundes, da F&A Consultoria Econômica, menciona que "é importante que eventuais barreiras ao comércio exterior sejam removidas para que a rivalidade entre a monopolista da produção brasileira e os demais players que atuam no mercado global seja mais efetiva e se reflita em preços menores para o consumidor no Brasil".

As alíquotas de importação de polietileno e polipropileno no Brasil, de 14%, somente perdem para aquelas praticadas nas Filipinas.

Os preços das resinas da Braskem estão entre os mais altos do mundo e este fato gera um efeito cascata para todos os produtos que se utilizam dela, como tubos e conexões utilizados no programa [Minha Casa Minha Vida](#), nas embalagens dos produtos da cesta básica, na grande maioria das mercadorias adquiridas pelos beneficiários do Bolsa Família e em diversos setores da economia nacional, como o automobilístico.

Entendendo o caso

Anunciada em janeiro de 2010, a aquisição da Quattor pela Braskem, operação de R\$ 870 milhões, criou a maior petroquímica da América Latina e oitava do mundo. A companhia será controladora de um monopólio sobre resinas plásticas no País, com capacidade de produção anual de 5,51 milhões de toneladas.

A Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) solicitou ao Cade sua inclusão como terceira interessada no processo de análise da aquisição da Quattor pela Braskem.

Fonte: DCI

Carga tributária barra o crescimento da indústria de transformação

Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast) e diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), José Ricardo Roriz acredita que o setor de transformação do plástico dependerá de ações e reformas do próximo governo federal para solucionar gargalos existentes na indústria. Entre os empecilhos que atravancam o crescimento de fabricantes do ramo, ele destaca a carga tributária e os juros aplicados no País.

Somando 11.465 empresas, a indústria do plástico emprega, em todo o Brasil, 324.371 trabalhadores. Em 2009, a produção do setor foi de 5,2 milhões de toneladas de produtos transformados em plásticos. De acordo com o presidente da Abiplast, os investimentos realizados na área ao longo de 2010 "se limitaram a diminuir o custo dos produtos acabados" e poucos recursos foram destinados ao aumento dos volumes de produção. "Estamos dentro desta armadilha: toda vez que o Brasil ameaça se desenvolver, a demanda aumenta. Então, como não há investimento, não existe oferta de produto. Como resultado, a inflação aumenta e o Banco Central eleva os juros para segurar a inflação", reflete.

JC Empresas & Negócios - Quais as perspectivas do setor para 2011?

José Ricardo Roriz - Acho que a economia não vai crescer tanto quanto em 2010, mesmo assim nossa perspectiva é boa no que diz respeito ao mercado: devemos crescer 10% no consumo de produtos transformados. Apesar de acreditarmos no mercado aquecido, nossa preocupação é trabalhar com margens muito baixas, até porque temos uma matéria-prima cara para produzir no Brasil com um custo de capital (de giro e investimento) alto demais para competir com os produtos importados. Ao mesmo tempo, as empresas estrangeiras estão se aproveitando do câmbio e vendendo aqui. O grande desafio da presidente eleita é aumentar os investimentos em infraestrutura, em capacidade de produção, em inovação, em pesquisa e desenvolvimento. Isso tudo irá trazer aumento de renda, mais emprego e mais competitividade, características que estamos perdendo atualmente. Mas, para ter investimentos, é preciso ter juros, câmbio e carga tributária adequados.

Empresas & Negócios - Que reformas e ações seriam necessárias para solucionar a falta de investimento no setor de plástico?

Roriz - Eu reforço que, consolidada a agenda de estabilidade econômica e inflação baixa, nós temos agora que atacar firmemente a questão dos juros, do custo de capital para investimento. Não dá mais para conviver com essas taxas de juros, que estão totalmente desalinhadas do mercado internacional. O governo, que já gasta bastante, tem também nos juros um item importante. Muitas vezes, não se pode baixar a carga tributária - e esse é o segundo ponto a

ser observado -, porque se tem um alto gasto do governo e uma parcela grande de juros. A taxa de juros no Brasil, tanto para pessoa jurídica quanto para a física, e o spread bancário inviabilizam investimentos e tornam o produto muito caro para o consumidor. Não adianta você ter um aumento de renda se o consumidor final gasta uma boa parcela do que ganha com juros. Dilma Rousseff terá que levar em consideração o alinhamento dos juros brasileiros com os juros internacionais. Será preciso olhar, principalmente, para as empresas médias e pequenas, onde está a maior parte da mão de obra intensiva. Se o governo não dispensar atenção para que a indústria tenha competitividade, os produtos passarão em breve a vir de fora do País.

Empresas & Negócios - Na prática, como os juros interferem na indústria de transformação do plástico?

Roriz - A consequência principal é que se passa a ter o câmbio tão valorizado que se perde a competitividade para exportações e, assim, aumentam as importações. Por isso, uma boa parcela do que o Brasil cresceu este ano na economia foi abocanhada pelas empresas estrangeiras, que vendem seus produtos no País, aproveitando a situação cambial e o bom momento do mercado brasileiro. Como na maioria dos outros países os juros são bem mais baixos, os estrangeiros enviam dinheiro ao Brasil para lucrar com nosso mercado financeiro, afinal temos um dos juros mais altos do mundo. Boa parcela do fluxo de capital que chega ao País não é para ser investido, porque nossa taxa de investimento fica abaixo de 20% - enquanto na China é acima de 40%, na Índia supera os 30% e nos países concorrentes fica acima de 25%. Temos uma taxa de investimento muito baixa. É importante diminuir os juros para ter um câmbio mais competitivo e uma carga tributária menor, principalmente para investimentos.

Empresas & Negócios - Qual o percentual de exportação do setor no Brasil?

Roriz - De janeiro a outubro, as importações aumentaram 33,6% enquanto as exportações de transformados plásticos cresceram 13,3%. Para o comércio tanto faz vender produto nacional ou importado. Então, como a demanda está alta, o comércio está bem. Mas isso será sentido mais à frente. A indústria está deixando de empregar no Brasil e está empregando na China, por exemplo. Isso interfere em toda a economia brasileira, levando em consideração que o setor de plástico fornece para praticamente toda cadeia econômica. A indústria automobilística é um dos grandes consumidores, pois cada vez mais os veículos têm itens plásticos na composição. Nas indústrias de alimentos e bebidas, a maior parte das embalagens é plástica, os eletroeletrônicos e a maioria dos brinquedos são feitos com grande quantidade de plástico. Isso sem citar as utilidades domésticas, utensílios para armazenamento, embalagens de produto de limpeza e higiene. Tudo isso é composto de plástico. Hoje, dificilmente se encontra alguma aplicação de algum produto que não tenha o plástico como um dos componentes.

Empresas & Negócios - Como ficam as pequenas e médias empresas neste cenário?

Roriz - Existem problemas que são estruturais. A indústria de transformação trabalha sob dois monopólios - Braskem e Petrobras -, não tendo alternativa para compra de produtos. Ao mesmo tempo, a indústria, que é constituída de empresas médias, vende para grandes cadeias de alimentos, hipermercados e indústria automobilística. Isso é ruim, porque o transformado plástico está presente na economia como um todo e precisamos ser competitivos. Falta acontecer inovação na indústria de transformação, porque é ela que desenvolve os produtos que vão chegar até o consumidor final. Quem faz a diferença para competir no mercado mundial, em termos de produtos que atendam a demanda do mercado e do consumidor, é a indústria de transformação, só que ela está entre esses gigantes.

Empresas & Negócios - Qual seria o caminho para modificar esta situação?

Roriz - As grandes companhias têm um mercado de capitais, têm financiamento internacional e têm o apoio do Bndes. Mas as empresas médias e pequenas têm dificuldade de buscar inovações, porque o dinheiro que elas acessam é muito caro. As pequenas e médias empresas têm que ter acesso à matéria-prima com preços competitivos, têm que ser desoneradas um pouco de suas folhas de pagamentos - porque empregam grande número de pessoas. A folha de pagamento é muito onerada, e na maioria das vezes não é o funcionário que recebe este dinheiro.

Empresas & Negócios - Na sua opinião, qual foi o melhor momento da indústria do plástico no Brasil?

Roriz - Saímos de um modelo em que o País era importador de petróleo. Agora, a indústria do plástico está inserida no novo modelo, em que diversos setores do País se preparam para tornar o Brasil um exportador de petróleo. Esse é um ótimo momento, se forem observadas estas alterações que citei. Precisamos aproveitar essa oportunidade para sermos grandes

produtores de petróleo e nos tornarmos uma das mais competitivas cadeias de produção de plástico do mundo.

Fonte: Jornal do Comércio

O produto que veio do lixo

Evitar que seus resíduos tenham como destino o aterro sanitário já é um desafio para a Johnson&Johnson. Mas ela quer mais: usá-los na fabricação de seus produtos

O complexo industrial da subsidiária brasileira da americana Johnson&Johnson em São José dos Campos, interior de São Paulo, faz jus ao título. Ocupa uma área de 910 000 metros quadrados, algo como 91 campos de futebol. Tudo ali é grandioso. São 11 fábricas, que atendem a três divisões de negócios — produtos de consumo, médica e farmacêutica. Juntas, elas se encarregam da fabricação de cerca de 1 700 produtos de 32 marcas, que abastecem o Brasil e outros países da América Latina, além de Estados Unidos e Canadá. É um lugar onde trabalham 3 700 profissionais e, surpreendentemente, é agradável de estar, porque abriga uma área verde gigantesca — na prática, 70 dos 91 campos de futebol.

Mas se os funcionários gostam de dizer para os visitantes, de um jeito um tanto quanto envaidecido, que esse é o maior complexo industrial da empresa no mundo, também têm de lidar com um número menos charmoso: mensalmente, as fábricas brasileiras da J&J produzem 1 000 toneladas de lixo. Hoje, é ainda um tanto utópico imaginar que uma indústria possa produzir zero de resíduo. Portanto, o problema mais prático enfrentado pelas empresas sempre foi o seguinte: uma vez gerado, o que diabos fazer com ele?

Durante muito tempo, coube às companhias que seguem a cartilha das boas práticas mandar o lixo produzido para os aterros sanitários. Era o que, no jargão do mundo corporativo, se convencionou chamar de “dar um destino adequado”. Atualmente, só fazer isso pega mal. E não porque essa prática seja muito onerosa. No Brasil, enviar 1 tonelada de resíduos considerados não perigosos custa, no máximo, 70 reais. Na Europa esse valor pode chegar a 340 reais. As razões são outras. Destinar lixo para aterros virou sinônimo de descaso com o meio ambiente e de uma certa miopia, uma vez que o discurso em voga é de que resíduos, em vez de despesa, podem se transformar em fontes de receita.

A questão é que, para muitas empresas, transformar essa teoria em prática não é algo trivial. Uma montadora de veículos consegue evitar que 99% de seu lixo termine em um aterro porque gera, basicamente, quatro tipos de resíduo: papelão, sucata metálica, vidro e plástico. A produção de bebidas da AmBev gera 32 resíduos, que vão de cacos de vidro a rótulos de garrafas, passando por bagaço de malte e fermento. Ainda assim, o seu índice de reaproveitamento é de 98,2%. A Johnson reaproveita 84% das 1 000 toneladas de lixo que gera por mês, mas esse percentual não deve ser subestimado. “Ela gera mais de 1 000 tipos diferentes de resíduo, e isso aumenta, e muito, o desafio”, afirma Renata Gregolini, diretora da Ambitec, empresa de gestão ambiental. É por causa dessa complexidade que o início da operação de uma linha de máquinas para reciclagem de plástico, em janeiro, terá um sentido especial para os funcionários da J&J — sobretudo para os que trabalham na Central de Reciclagem de Resíduos (CRR). “Hoje, ela tem um status igual ao de qualquer outra unidade de negócio da empresa”, afirma Alex Francisco Gomes, executivo responsável pela manutenção do complexo industrial. As máquinas exigiram um investimento de 1,5 milhão de reais e permitirão que a própria Johnson recicle, por mês, 150 toneladas de aparas de plástico descartadas nas linhas de produção de fraldas e absorventes femininos da marca. Há mais de dez anos esse plástico é vendido para outras indústrias, que o transformam em calotas de carro, baldes e brinquedos.

Fonte: Revista Exame

PET reciclado vai ser usado em 25% das garrafas da Coca-Cola

A Coca-Cola Brasil reviu seus planos na área de reciclagem de PET. A empresa pretende assinar um contrato com uma fabricante de resina reciclada no início de 2011 e planeja, até 2014, ter 25% de material reciclado em toda resina utilizada nas embalagens PET de seus produtos no país.

No início deste ano, a Coca-Cola havia anunciado que, já em 2010, colocaria no mercado brasileiro as garrafas de PET reciclado. Mas, segundo informou a empresa, o cronograma teve que ser alterado, pois ainda depende da aprovação da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). "Acreditamos que no início do ano que vem, já teremos o registro", afirmou o diretor de meio ambiente da Coca-Cola Brasil, José Mauro de Moraes.

Até 2008, as leis que vigoravam no Brasil impediam a utilização de materiais reciclados em embalagens alimentícias. Hoje, a Anvisa estabelece metodologias de avaliação dos processos, estabelecimentos e produtos para o setor, podendo habilitar a produção.

Enquanto não havia essa aprovação, a Coca-Cola decidiu lançar, em março, as garrafas produzidas com 30% de matéria-prima proveniente do etanol, as chamadas "plant bottles", anteriormente planejadas para saírem depois das recicladas.

Moraes diz que, para colocar as embalagens com PET reciclado no mercado, agora falta a Anvisa aprovar a garrafa em seu formato final, pois o fornecedor de resina já foi aprovado pelo órgão. Hoje, a única fábrica do país que produz o insumo habilitado para ser utilizado em contato com alimentos e bebidas é a CPR Embalagens, localizada no município de Duque de Caxias (RJ), e a Coca-Cola estima que, no primeiro trimestre do ano que vem, consiga assinar um contrato com a fabricante.

"O PET reciclado, por se tratar de nova tecnologia para a fabricação de embalagens em contato com alimentos, tem obrigatoriedade de registro junto à Anvisa previamente à sua comercialização e sua análise demora um pouco mais que as demais. O processo da Coca-Cola encontra-se em análise técnica", afirmou a agência. Os processos, segundo a Anvisa, são analisados por ordem de protocolo. O órgão não fornece detalhes sobre a evolução das análises.

Para trabalhar com insumos reciclados para suas embalagens, no México, o grupo Coca-Cola optou pela construção de uma fábrica de reciclagem. O investimento, realizado em conjunto com parceiros, tem uma capacidade de 2 mil toneladas de garrafas processadas por mês. Quando questionado se esse modelo de desenvolvimento pode ser importado para o Brasil, o executivo afirma que não vê essa necessidade.

"Não está nos planos construir uma fábrica [de reciclagem] aqui. Para a Coca Cola, é interessante utilizar o parque [industrial] brasileiro. O Brasil já tem esse mercado, não é como no México. O setor de reciclagem aqui é grande e maduro", afirmou Moraes. Há que se ponderar, no entanto, que o segmento habilitado para a área de alimentos ainda é muito pequeno no país.

Somente agora o mercado de produção de resinas PET voltada para embalagens alimentícias começou a atrair investimentos no Brasil. Além da CPR (que não quis comentar sobre suas operações), a Unnafibras anunciou no início do mês que vai aplicar R\$ 20 milhões em uma fábrica desse tipo. Agora, os planos da empresa devem passar pela aprovação da Anvisa.

Do mesmo modo, o consumo do lado da indústria também precisa ganhar força. A utilização de PET reciclada nas embalagens para produtos alimentícios ainda é rara no Brasil. A PepsiCo -

fabricante da Pepsi -, tem ações para estimular a reciclagem de PET, mas não usa a garrafa reciclada. "Isso é novo na indústria inteira. Estamos estudando várias ações", afirmou a gerente de sustentabilidade da PepsiCo Brasil, Cláudia Pires, sem comentar as estratégias futuras. Hoje, uma de suas iniciativas é a utilização de displays (espécie de estantes), feitos a partir de PET reciclado, para expor os salgadinhos da marca.

Na mesma linha, a Ambev, apesar de ter projetos voltados para o reaproveitamento de resíduos sólidos e redução do consumo de PET, também ainda não usa PET reciclado em contato com suas bebidas. Um sinal de que esse cenário pode estar mudando na indústria de alimentos é a afirmação da Anvisa de que, além da Coca-Cola, há outras empresas que pediram aprovação para usar PET reciclado em embalagens alimentícias. O órgão, no entanto, não pode dar detalhes por questões de sigilo.

O setor no Brasil enfrenta ainda o problema da fraca coleta seletiva, com apenas 7% das cidades no país apresentando esse sistema, segundo a Abipet. As quase 400 empresas recicladoras de PET recebem os insumos dos catadores, cooperativas e organizações não-governamentais (ONGs), em um mercado que, apesar ter começado a caminhar para a formalização, ainda apresenta forte presença da informalidade.

Fonte: Valor Econômico

Celulose, PVC e petroquímica animam setor de cloro e soda

Os fabricantes de cloro e de soda cáustica preveem que 2011 será um ano de aumento de produção e de vendas. A estimativa é baseada no crescimento dos investimentos dos clientes do setor, principalmente saneamento básico e construção civil (que utilizam PVC, material fabricado com o uso de cloro) e papel e celulose e petroquímica (usuários de soda cáustica).

Apesar do otimismo, o setor está preocupado com o aumento de custo de produção, principalmente de energia elétrica, insumo básico para fabricação de cloro e de soda.

De acordo com os últimos dados da Associação Brasileira da Indústria de Álcalis, Cloro e Derivados (Abiclor), o consumo setorial de soda cáustica no acumulado de janeiro a novembro deste ano foi 7,9% maior se comparado ao do mesmo período do ano passado.

As vendas para dois setores expressivos em termos de consumo desse insumo – papel e celulose e química e petroquímica – registraram alta de 8,5% e 10,7%, respectivamente.

Apesar dessa expansão, a produção acaba sendo limitada pela estrutura química da produção de cloro. Como os dois produtos só podem ser obtidos de forma associada e como o cloro tem menos vendas que a soda, não há uma produção mais expressiva em função da limitação do uso do cloro que é fixado, basicamente nos tubos de PVC.

"Hoje, a produção de soda cáustica no Brasil está limitada à expansão do uso do cloro no mercado nacional. Como a grande aplicação é na fabricação de PVC, a construção civil acaba sendo o termômetro do setor", define o diretor da Solvay Química, Sergio Zini, que aponta ainda que as vendas brasileiras acabam sendo supridas pelas importações do produto, principalmente dos Estados Unidos.

Essa percepção reflete-se nos números apresentados pela Abiclor.

Apesar dos números de venda em expansão, a produção acumulada de soda no mesmo período ficou apenas 2,5% maior do que em igual período de 2009. Em compensação, as importações de soda foram 16,6% maiores que em igual período de 2009.

Por sua vez, a produção de cloro registrou um acréscimo muito próximo ao de soda. De acordo com o balanço da entidade que representa o setor, foi de 2,8% no acumulado dos 11 meses do ano. Já a taxa de utilização da capacidade instalada no período foi de 88,2% a 2,8% maior do que no mesmo período de 2009. Diferentemente da soda, o consumo setorial da produção nacional (vendas totais + usos cativos) também apresentou variação positiva de 2,8% no período.

Apesar dessa restrição natural, o presidente da Abiclor, Aníbal do Vale, acredita que 2011 será um ano positivo para o setor. Essa análise tem como base a perspectiva de crescimento da economia brasileira que é estimada em 5%.

“Os fundamentos da economia brasileira continuam forte, mas a indústria está sendo pressionada pelo real valorizado e ameaça de desindustrialização. Atualmente, os produtores externos estão sendo favorecidos pela conjuntura e nos Estados Unidos e na Europa a produção foi melhor que se imaginava”, comentou ele.

Mesmo assim, disse Vale, como o setor de cloro e soda é um segmento da indústria química considerado de base e está ligado aos investimentos da indústria de transformação, à medida que mercados como o de celulose, mineração, siderurgia avançam, os negócios do setor também se expandem.

“Acredito que, pelo que vemos, o setor de celulose é o que aparentemente está mais ativo no que tange a declarar novos investimentos importantes para os próximos anos”, disse ele, em referência às previsões de aumento da capacidade instalada de grandes empresas como Fibria e Suzano Papel e Celulose, além da entrada de novos players no mercado como a Eldorado Celulose, que tem entre seus sócios o Grupo JBS.

Mesmo com a expansão do setor, o presidente da Carbocloro, Mario Cilento, alerta para o problema do alto custo de produção em decorrência dos custos com energia elétrica. “Apesar de nosso setor operar em carga quase máxima, estamos preocupados com o custo, que continua subindo muito”, disse ele. “Esse fato é causado, principalmente, pelos encargos e este peso chega a até 50% do custo de produção de alguns associados, o que reduz a competitividade e a produtividade do setor”, criticou ele. Apesar das preocupações, o presidente da Abiclor aponta como fatores positivos no futuro as grandes obras para os eventos esportivos programados para os próximos anos no País.

Fonte: DCI

MVC vai produzir 1,3 mil casas em plástico para programa Minha Casa Minha Vida

A MVC Soluções em Plásticos, de São José dos Pinhais (PR), fechou contratos para produzir 1,3 mil casas em plástico de engenharia reforçado no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, dentro do programa Minha Casa Minha Vida do governo federal. A operação faz parte do plano da empresa controlada pelo grupo Artecólade ampliar a participação dos negócios na área da construção civil para até 40% do faturamento total até 2011, disse o diretor-geral Gilmar Lima. Em 2009, o setor respondeu por 13% da receita bruta de R\$ 116 milhões da MVC, enquanto o restante veio da produção de componentes automotivos. A fatia deve subir em 2010 - quando serão entregues 1,1 mil das 1,3 mil casas recém-contratadas - para 18% da receita estimada em R\$ 148 milhões e alcançar os 40% dos R\$ 220 milhões projetados para 2011. Segundo Lima, entre as obras já realizadas pela empresa estão 100 casas no Pará e de 50 unidades no interior do RS, além de escolas, postos de saúde e postos policiais no país e no exterior. Os projetos habitacionais da empresa são executados em parcerias com construtoras e incorporadoras locais e já há estudos em andamento para a implantação de novos conjuntos

habitacionais no interior do Rio Grande do Sul, em SP, MG, MS e ES. Com isso, de acordo com o diretor-geral, a estimativa é construir 4 mil casas no ano que vem. A projeção não inclui as negociações em andamento para construir casas e escolas no Chile, país devastado por terremoto no início deste ano. Os produtos da MVC estão em fase de homologação pelo governo chileno e ainda não há previsão de volume de obras, mas se a operação for bem sucedida Lima acredita que o número de unidades habitacionais poderá chegar a 250 por mês pelo menos durante os próximos dois anos. A fábrica da MVC em São José dos Pinhais emprega 680 pessoas e tem capacidade para produzir até 4 mil casas/ano, mas pode ser ampliada sem grandes investimentos, explicou o executivo. De lá saem as lâminas de plástico utilizadas na montagem dos painéis reforçados com gesso, poliestireno estendido (EPS) e fibra de vidro. Segundo Lima, em projetos de grande porte, como os novos contratos no RS e no Rio de Janeiro, os painéis são montados em "unidades de produção flexíveis" instaladas temporariamente pela empresa nos canteiros de obra. A casa é construída sobre estrutura metálica, as paredes são resistentes e garantem isolamento acústico e térmico, assegura o executivo. A construção leva ainda apenas 10% do tempo necessário para se erguer uma casa em alvenaria, acrescenta.

Fonte: Valor Online.

Empresas gaúchas da área de plástico querem aumentar competitividade

Em 2010, a participação do Rio Grande do Sul no consumo de resinas termoplásticas no Brasil deve alcançar algo em torno de 8%. E acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico do RS (Sinplast-RS), Alfredo Schmitt, a meta é dobrar esse resultado, nos próximos cinco anos. Segundo ele, os transformadores gaúchos, em 2010, absorveram cerca de 524 mil toneladas de resinas e, agora, "o objetivo é tornar a indústria local do plástico competitiva em relação a dos outros estados". Uma das iniciativas para tornar o segmento mais competitivo será a aproximação com os fornecedores de matérias-primas. Além disso, o presidente do Sinplast-RS enfatiza a necessidade de criar condições de exportação para os produtos transformados, pois hoje a balança comercial desses itens é deficitária. Nesse sentido, o sindicato solicitará ao governo gaúcho agilidade em ações políticas, construindo um ambiente favorável para a cadeia do plástico. O setor transformador do plástico no Rio Grande do Sul é composto por 900 empresas, responsáveis por cerca de 25 mil empregos diretos.

Fonte: Jornal do Comércio (RS) Online

Encomendas no início do ano animam a indústria

Uma parcela importante da indústria começa 2011 estimulada pelo bom volume de encomendas e pela queda dos estoques, num cenário marcado por perspectivas favoráveis para o mercado interno. As indústria de eletroeletrônicos, caçados e vestuário relatam pedidos expressivos feitos pelo varejo depois das vendas elevadas do fim do ano. Na petroquímica, o ano começa com otimismo, com recomposição de estoques no varejo (embalagens) e com baixos estoques nos clientes de artefatos plásticos. Mas há setores importantes que devem ter um início de ano menos acelerado, como o automotivo e o siderúrgico.

Fonte: Valor Econômico.

Projeto incentiva reciclagem de aparelhos eletrônicos

O setor de tecnologia da informação e comunicação (TI) nacional, que usa plásticos em seu processo produtivo, deverá aprofundar, a partir de janeiro próximo, o projeto Reciclação, que objetiva difundir o hábito de reciclar eletrônicos em todos os locais em que aparelhos eletrônicos estejam em uso. Criado pela RioSoft, agente do programa Softex do governo federal no Rio de Janeiro, o projeto visa a estimular entre as empresas o descarte correto e a reciclagem, reduzindo as agressões ao meio ambiente. "Queremos motivar uma ação que seja não apenas das empresas filiadas. Queremos que as empresas motivem os seus funcionários e clientes", disse o presidente do Sindicato das Empresas de Informática do Rio de Janeiro (Seprorj), Benito Paret. A entidade é uma das líderes do projeto, que está sendo formatado. Paret destacou que o Reciclação não é uma ação isolada. "O conceito é que seja um movimento permanente de diminuição do lixo eletrônico que está sendo desperdiçado. A ideia é que isso não seja uma ação pontual." O projeto propõe a transformação do resíduo eletrônico em matéria-prima para o desenvolvimento de ações sociais e de inclusão digital.

Fonte: Agência Brasil.

Bayer decola pesquisas com novos materiais

É uma aventura com objetivo tecnológico: o avião experimental Solar Impulse, movido a energia solar, deve dar a volta ao mundo em 2012. Seus projetistas, o suíço André Piccard e o alemão André Borschberg, demonstraram este ano que ele está no bom caminho ao completar o primeiro voo noturno em julho. Parte do sucesso deve-se à parceria com a Bayer MaterialScience, divisão do grupo alemão que desenvolve materiais ultraleves com diversas aplicações industriais. A Bayer foi responsável pelo revestimento de poliuretano das 12 mil células de captação de energia solar do avião de 63 metros (mesma envergadura de um Boeing 747), da cabine e da carenagem dos quatro motores elétricos. Da parte da companhia, não se trata de uma aventura. O Solar Impulse é um símbolo da tendência que a Bayer considera inevitável: o desenvolvimento de tecnologias e novos materiais sustentáveis, especialmente voltados para a utilização de fontes de energia renovável, como o sol e o vento. Se o projeto for bem sucedido, acreditam seus cientistas, soluções semelhantes poderão ser usadas em carros elétricos, sistemas de aquecimento, ar-condicionado e computadores. "Temos um histórico de sucesso em inovação", disse o presidente do Grupo, Marijn Dekkers, ao discursar sobre as perspectivas da companhia para o futuro, em Leverkusen, na Alemanha. Parte do sucesso será investido "no esforço de utilizar energia e recursos de forma mais eficiente". Para dar andamento à mesma linha de pesquisa, a empresa desenvolveu o chamado Edifício Ecocomercial, cujo protótipo foi construído em Nova Déli, na Índia, mas já com unidades programadas para outros países, inclusive o Brasil. O revestimento de espuma de poliuretano das paredes do edifício reduz em quase a metade o consumo de energia e consequentemente ajuda a combater as mudanças climáticas. Quando usado para isolamento térmico nos telhados, em 50 anos, o material economiza 70 vezes o volume de energia necessário para construí-lo. Atualmente, a Bayer desenvolve espumas de poliuretano para refrigeradores, freezers, câmaras frigoríficas e no transporte refrigerado. Seu objetivo é aperfeiçoar esse material por meio da nanotecnologia, o que diminuiria o tamanho dos poros da espuma e reduziria o consumo de energia dos aparelhos. Outra vantagem seria fazer com que os revestimentos desses aparelhos fossem mais finos, criando mais espaço para os produtos refrigerados. Para completar, a Bayer desenvolve novas aplicações para chapas plásticas de policarbonato, mesmo material usado nos óculos de sol, nos CDs e tetos solares, conhecido também por compor o teto dos estádios nas Olimpíadas de Pequim. O plástico serve de base para a construção de lâmpadas LED, que são mais eficientes e 50% mais leves que o vidro e se estendem para as luzes de faróis baixos e altos de veículo.

Fonte: Brasil Econômico.

Matérias Nacionais

Por que o PIB crescerá menos em 2011?

Para empresários, líderes setoriais e economistas, o PIB nacional deverá evoluir cerca de 4,5% em 2011. O motivo principal da performance sensivelmente inferior a de 2010 é a falta de condições e base de sustentação para um crescimento continuado na casa de 7%. Por isso, adotaram-se medidas para conter um pouco o grau de aquecimento do nível de atividade, como algumas ações de restrição ao crédito e a retirada de R\$ 61 bilhões da economia, por meio do aumento dos compulsórios bancários.

O governo busca um contraponto ao aumento da renda e do emprego verificado em 2010 que, não por acaso, gerou uma demanda acelerada de produtos nacionais e importados, pressionando as metas fiscais, monetárias e cambiais. Para o presidente do Grupo Advento, da área de construção civil de infraestrutura e edifícios, o empresário Juan Quirós, “expansão superior a 7% ao ano levaria o Brasil a tropeçar em seus antigos problemas basilares, podendo ameaçar o presente ciclo positivo de crescimento”. Para ele, “o direito de expandir o PIB a patamares mais ousados, resgatando de modo definitivo o passivo social e aproximando o País do pleno emprego, somente será conquistado mediante algumas lições de casa para solucionar questões pontuais e, sobretudo, os gargalos estruturais que há tanto tempo nos atrapalham”.

Segundo Quirós, a maior urgência é equacionar o desequilíbrio do câmbio, principal responsável por dois indicadores preocupantes, constantes dos dados referentes ao terceiro trimestre de 2010: a elevação de 7,4% da importação de bens e serviços e o recuo de 1,6% da indústria de transformação. “A prioridade máxima, contudo, é realizar as reformas tributária/fiscal, previdenciária e trabalhista, essenciais para reduzir o Custo Brasil, que tem impacto negativo na competitividade do País”.

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast), da Vitopel e diretor titular do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho, salienta que os números da produção, do consumo interno e das exportações somente poderão ser mais positivos, contribuindo, também, para reverter o preocupante quadro de crescimento das importações, se o governo da presidente Dilma Rousseff e a nova legislatura federal solucionem alguns gargalos estruturais, que vêm prejudicando bastante o setor do plástico e a indústria de transformação como um todo. “A primeira e inadiável lição de casa é a reforma tributária, que não pode mais ser postergada. A elevada carga de impostos é a principal barreira para as empresas, independentemente de seu porte, por incidir de modo direto sobre os próprios investimentos e retirar recursos que poderiam ser aplicados em empreendimentos produtivos”.

Outro fator a ser considerado, segundo Roriz, é a redução dos juros/spread, cujas taxas elavadíssimas aumentam os riscos econômicos do investimento, afetando-o por três vias: ao agravar as despesas financeiras, minando os recursos a serem investidos; ao inibir a demanda dos produtos industriais; e ao estimular a especulação financeira.

Mesmo com as medidas monetárias restritivas adotadas pelo Banco Central, o professor de Economia e de Mercado da Trevisan Escola de Negócios, Alcides Leite, também acredita que a

economia brasileira deva crescer em torno de 4% a 5% em 2011. Isto se deve, principalmente, ao efeito inercial que o aquecimento da produção e do consumo vem experimentando em 2010 e ao aumento do volume de investimentos necessários para suprir a carência de infraestrutura produtiva no País.

“Obras em aeroportos, portos, estradas e geração de energia já contratadas e aquelas em fase de contratação são suficientes para garantir um ritmo acelerado deste setor nos próximos anos”, ressalta o professor, acrescentando: “A realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e da Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, exige um cronograma rigoroso de obras, com alto efeito multiplicador na economia”.

Para o docente, o principal desafio do governo, no início de 2011, será o controle da inflação. Devido ao crescimento acelerado da demanda interna e ao aumento dos preços das commodities no mercado internacional, não haverá outra saída senão o aumento das taxas de juros e restrição ao crédito. “É urgente a necessidade de aumento dos investimentos públicos a fim de equilibrar a relação entre oferta e demanda no País e permitir um crescimento sustentado nos próximos anos”, conclui Alcides Leite.

Fonte: Blog Mirian Gasparin

Braskem e Petrobras aparecem entre as maiores do setor em ranking mundial liderado pela Dow Chemical

A Braskem e a Petrobras estão listadas entre os 40 maiores players mundiais da indústria química divulgado pelo ICIS Chemical Business. A Petrobras ocupa a 13ª colocação, enquanto a Braskem está na 14ª. O ranking ressalta que as empresas presentes conseguiram se manter competitivas mesmo diante de dias difíceis vividos pelo mercado mundial, cresceram, continuaram investindo em pesquisa e desenvolvimento. No caso da Braskem, os destaques são as aquisições da Quattor, a *joint-venture* com a mexicana IDESA e o lançamento da primeira planta mundial para a fabricação do plástico verde. A líder do ranking é a Dow Chemical.

Fonte: IG – Guilherme Barros.



América Latina crescerá menos em 2011, diz consultoria

O crescimento econômico da América Latina será mais contido em 2011. Neste ano, a região deverá registrar aumento de 3,8% em seu PIB, ante 5,6% em 2010, segundo estimativas da EIU (Economist Intelligence Unit). Ainda assim, o ritmo de crescimento latino-americano seguirá acima da média mundial, também de acordo com a consultoria. O Brasil consolidará a sua liderança no continente e no resto do mundo, diz o estudo. A região caribenha será a mais afetada, pois depende muito dos EUA para a exportação de seus produtos. Os únicos países com expectativas superiores às do ano passado são Chile, que foi atingido por grave terremoto em 2010, e Venezuela, cuja recessão está próxima de ser amenizada. Para continuar com aceleração econômica alta, os países terão que superar alguns desafios, como o combate ao

tráfico de drogas e as insatisfações sociais decorrentes do crescimento mais lento. Entre as possíveis soluções apontadas pela EIU está a realização de reformas estruturais -tributária, política e trabalhista.

Fonte: Folha de S. Paulo (Mercado Aberto).

Saudi vai instalar nova petroquímica na Arábia Saudita

A Saudi International Company (Sipchem) anunciou que fechou contrato para construção de uma nova planta de EVA e PEBD no distrito industrial de Jubail. A empresa coreana GS Engineering & Construction Corporation será responsável pelo projeto e construção da planta, com capacidade de 200 mil toneladas anuais e que está prevista para entrar em operação em 2013, empregando 200 funcionários. A Sipchem foi fundada em 2009 e detém 75% de suas ações, sendo o restante da coreana Hanwha Chemicals.

Fonte: Maxiquim.

AGENDA

Interplastica 2011

Acontecerá entre 25 e 28 de janeiro de 2011 a Interplastica - Feira Internacional de Plásticos e Borracha de Moscou. Contatos: Eva Rugenstein / Sebastian Pflügge + 49-211-4560 240 ou pelos e-mails RugensteinE@messe-duesseldorf.de e PflueggeS@messe-duesseldorf.de

Messe Brasil e a alemã Demat anunciam a EuroMold Brasil 2012

Evento é um dos principais do mercado de ferramentais, moldes e design na Europa, EUA, África do Sul, Rússia, Índia e China e seguirá o mesmo padrão na América Latina. A Messe Brasil, uma das principais organizadoras de eventos técnicos voltados para a indústria brasileira, e a Demat, uma das mais representativas empresas privadas de organização de feiras da Alemanha, anunciam a criação de uma joint venture para realização da EuroMold Brasil – Feira de Fabricantes de Moldes, Ferramentas e Design, programada para estrear no Brasil em 2012. O evento segue os padrões da EuroMold, a maior feira mundial para o segmento, que acontece anualmente em Frankfurt, em dezembro. A Demat também organiza e promove a AmericaMold em Cincinnati nos EUA, AfriMold em Johannesburg na África do Sul, DieMould Índia em Chennai na Índia, RosMould em Moscou na Rússia e a AsiaMold em Guangzhou na China. Segundo Richard Spirandelli, gerente de marketing da Messe Brasil, a joint venture é resultado da convergência de interesses das duas empresas organizadoras no mercado de ferramentais, moldes e design da América Latina. “Com eventos em quatro continentes, os clientes da Demat tem oportunidade de explorar novos negócios nos cinco continentes, incluindo a partir de agora a América Latina”, afirma. Análises de mercado e a identificação de necessidades junto a expositores internacionais, levaram a criação do novo evento que será realizado de 20 a 24 de agosto de 2012, em Joinville/SC – Brasil, paralelo à Interplast 2012 – Feira e Congresso de Integração da Tecnologia do Plástico. “Entendemos que a primeira edição junto com a Interplast, agrega valor à cadeia de moldes, ferramentarias e

design, ampliando as possibilidades de negócios para visitantes e expositores da cadeia de desenvolvimento de produtos”, comenta Spirandelli. A EuroMold Brasil será promovida ao mercado a partir de janeiro de 2011, sendo a Messe Brasil responsável pela divulgação e comercialização no Brasil e demais países da América Latina, e a Demat por expositores e visitantes dos demais continentes interessados em negócios no Brasil. “A expertise da Messe Brasil em feiras técnicas para o setor de ferramentais plásticos, fundições e metal-mecânico, somados ao sucesso da Interplast que caminha para a sétima edição e ao amplo relacionamento da Demat no mercado mundial, respaldam o sucesso desta parceria internacional”, acrescenta Spirandelli.



WBC COMUNICAÇÃO

Fone/Fax: 41 32470569 - Celulares: 41 91667616 - 41 91326135

E-mail: wbc@sulbbs.com.br